

## Movimento de Educação de Base (1961-1966): algumas histórias, muitas lutas

---

*Sara Oliveira Farias<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo analisa aspectos da história e a atuação do Movimento de Educação de Base (MEB), através dos discursos produzidos pelas cartilhas, livros, documentos e depoimentos orais, compreendendo como as produções discursivas foram produzidas pelo movimento e, como repercutiram nos departamentos no MEB pelo Brasil, particularmente na Bahia nos anos de 1960.

**Palavras-chave:** MEB. Igreja. História.

**Basic Education Movement (1961-1966): a few histories, a lot of fights.**

**Abstract:** This article analyses aspects of the history and role of the Movement of Basic Education (MEB), throughout the speeches produced by the booklets, books, documents and oral testimony, that leads to an understanding of how the discursive productions were produced by this movement and, how they impact at the departments on the MEB in Brazil, particularly in the state of Bahia during the years 1960.

**Keywords:** MEB. Church. History

Artigo recebido em 31/10/2016 e aprovado em 09/12/2017.

SARA OLIVEIRA FARIAS

**Os anos 1960 e o MEB**

O presente artigo analisa um período recente de nossa História, assim pode-se pensar a contemporaneidade como um aporte fundamental para as discussões de corte geográfico transversal - locais ou regionais, por exemplo. O Tempo Presente, por excelência, tem várias vozes e memórias a se discutir sobre passado e presente. Nessa perspectiva é preciso situar o objeto dessa pesquisa. No governo de Jânio Quadro, em 1961, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em acordo com Dom José Távora, bispo de Aracaju criou oficialmente O Movimento de Educação de Base (MEB). Uma parte dos integrantes do MEB pertencia a Ação Católica Brasileira (ACB)- criada em 1920 e ligada a Ação Católica, um dos movimentos de leigos da Igreja contemporânea. Quando foi criado o MEB estabelecia como objetivo a formação integral do homem, para sua promoção, entendendo como educação um processo global não se limitando apenas á instrução, mas formando “na ação, ajudando o homem a promover-se”<sup>II</sup>.

O MEB nos anos de 1960 estava associado não apenas à educação, mas também à cultura popular e pode ser pensado como uma dentre outras experiências novas de educação popular. Teria a princípio a duração de cinco anos (1961-1965) e projeção de instalação de quinze mil escolas radiofônicas no Brasil, nos Estados do Norte, Nordeste e Centro Oeste do país, para isso a CNBB colocava à disposição do Governo Federal a rede de emissoras filiadas à RENECA – Representação Nacional das Emissoras Católicas<sup>III</sup> se comprometendo em aplicar adequadamente os recursos recebidos, para isso mobilizou voluntários que atuaram como monitores, uma vez que o trabalho desenvolvido nas comunidades envolvidas só poderia ser efetivado com a colaboração de monitores que trabalhavam junto às escolas. As escolas radiofônicas em uma comunidade rural de acordo com a direção nacional do MEB tinham como objetivo fundamental:

[...] a integração cultura e econômica desta comunidade na comunidade maior, através da sistematização sistemática de instrumentos de comunicação, produção e motivação de atitudes (...) os objetivos das escolas radiofônicas baseiam-se no conhecimento das necessidades e possibilidades do homem no campo. (...)IV.

Nesse sentido, o papel da comunidade foi fundamental, pois sem as lideranças locais, possivelmente, o programa não teria êxito. Uma dos ex-alunos do MEB, na cidade de Amargosa, município da Bahia havia afirmado a importância que teve o MEB em sua trajetória de vida.

Era analfabeto aqui na região de Amargosa [Bahia], trabalhava dia e noite na roça, ajudando meu pai e meus irmãos... ai apareceu um pessoal aqui ligado a Igreja e começou a ensinar a ler e escrever... ouvia as lições também pela rádio. Eu achava interessante porque a gente lia as lições e pareciam que os livros falavam da vida da gente... foi assim que aprendi a ler, a querer estudar.... depois participei do sindicato rural e hoje sou vereador na cidadeV.

SARA OLIVEIRA FARIAS

A narrativa centraliza um aspecto significativo: a trajetória de sua vida está em parte relacionada com os trabalhos desenvolvidos pelo MEB, no interior da Bahia, afinal de contas como ele mesmo afirmou o MEB o preparou para a vida, para exercer entre outros aspectos sua cidadania. As aulas retransmitidas pela rádio e as lições das cartilhas produzidas pela equipe do MEB conduziram a população do campo a trilhar outros caminhos, outras histórias. Pode-se pensar também como muitos homens e mulheres tiveram nas aulas do MEB o meio para alcançar sua cidadania. Conscientizando-se do seu papel de sujeito no mundo.

As escolas radiofônicas do movimento estão relacionadas em parte a experiência de padres que ficou popularmente conhecido como movimento de Natal, onde “um grupo de apenas seis padres da Arquidiocese de Natal, na década de 1960, criou o hábito de se reunir regularmente, todo mês, para tentar responder uma pergunta que os inquietava: como poderia servir melhor à Igreja, surgiram várias respostas em forma de pequenos movimentos inovadores que se transformaram num conglomerado de ações, gerando chamado Movimento de Natal<sup>VI</sup>. Composto este grupo estava Dom Eugênio de Araújo Sales que era o Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal.

O grupo de padres percebendo a importância dos meios de comunicação decidiu instalar uma rádio – a rádio rural – e direcionou a programação diretamente para o meio rural, porque segundo D. Eugênio estas eram as mais pobres, as que moravam na cidade possuíam outras possibilidades, além disso o Bispo havia tido uma experiência de alfabetização pelo rádio, na Colômbia, com a rádio Sutatenza. A ideia era utilizar a rádio para alfabetizar. Portanto, a rádio se destinava mais ao meio rural, porque era o meio mais carente e se precisava resolver o impasse da distância e da quantidade de escolas e de professores.

Assim, pode-se pensar o trabalho significativo do movimento de Natal. Dom Eugênio recordando sobre esse trabalho da Igreja afirmou:

Há pouco tempo, celebrando em Natal, conversei com um Padre que tinha trabalhado nisso, e ele me disse que uma pessoa que havia feito pós-graduação em São Paulo tinha aprendido a ler e escrever nas Escolas Radiofônicas. A escola não tinha o objetivo de só ensinar a ler e escrever, mas também de transmitir a cultura e ver como as pessoas também pudessem crescer...”<sup>VII</sup>.

A experiência com o grupo de Natal ajudou na criação do Movimento de Educação de Base no Brasil, mas para compreender o movimento assim como outros de Educação Popular é necessário descrever o cenário em que a Igreja Católica estava inserida.

### **Igreja Católica e mudanças: uma nova maneira de ser**

O cenário em que movimentos de educação e de cultura popular emergem é repleto de mudanças dentro da Igreja Católica, tanto no âmbito nacional como internacional. No período de 1955 a 1964 alguns episódios marcaram profundamente a maneira de ser da Igreja. Ressaltando, por exemplo que o Papa João XXIII promoveu reformas importantes. As encíclicas tais como a *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963)<sup>VIII</sup> de certa forma modificaram o pensamento católico oficial, estas

## MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966): ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS LUTAS

SARA OLIVEIRA FARIAS

encíclicas procuravam estar em sintonia como o mundo secular moderno, procurando melhorar a vida das pessoas e promovendo a justiça social.

A luta desigual entre os grupos sociais centralizou o discurso da Carta Encíclica. A pobreza e a exploração do trabalho pareciam ser uma das questões fundamentais da Igreja Católica do período, não sem propósito encíclicas como a *Mater et Magistra* são produzidas nesse cenário de mudanças significativas da instituição Romana sob o comando de João XXIII. Uma dessas mudanças foi organização do Concílio Vaticano II (1962-1965), Concílio Ecumênico inaugurado no dia 11 de outubro de 1962 e reuniu os bispos do mundo inteiro em Roma “para discutir uma visão mais aberta da Igreja.”<sup>IX</sup> O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 08 de Dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI que de maneira geral deu continuidade ao processo de renovação da Igreja até sua morte em 1978.

O impacto do Concílio Vaticano II na Igreja Brasileira foi apontado por Dom Jose Maria Pires como um motor de mudança. “Sempre houve, na Igreja, teólogos, pastores e leigos que assumiram uma posição dialética, em favor dos oprimidos, mas foi só a partir do Vaticano II que essa posição tornou-se oficial e as atitudes foram sendo sistematizadas”<sup>X</sup>.

O cenário de mudança, sobretudo a partir do surgimento dos movimentos de cultura e educação popular de certa forma ajudou a impulsionar a Igreja para que esta se aproximasse dos problemas do mundo atual. Nesse sentido, o crescimento dos movimentos populares no final dos anos de 1950 foi fundamental, pois encorajava a inovação do trabalho pastoral entre pobres, trabalhadores, os grupos menos favorecidos. Para Scoot Mainwaring, esses movimentos:

Afetaram muitos líderes da Igreja, tanto por chamarem atenção para a importância de se dar apoio às reformas, quanto por criarem, no caso de conservadores, uma conscientização do rápido crescimento da esquerda. Inovações na educação popular, inclusive o Movimento de Educação de Base (MEB), o trabalho de Paulo Freire e os Centros de Cultura Popular, estimularam reflexões sobre o papel das massas na sociedade<sup>XI</sup>.

A efervescência política e social dos anos 1950-1960 produziu transformações significativas na sociedade do Brasil. No plano político, a polarização política que reuniam de um lado os movimentos populares, sindicatos, estudantes, socialistas, o clero e os leigos dos movimentos católicos progressistas, os comunistas lutavam e exigiam uma reforma econômica e social ampla para o país. A Igreja Católica ou pelo menos parte dela estava atenta a estas transformações:

Nesse período alguns leigos e membros da hierarquia católica começaram a se interessar por problemas fundamentais – família, educação, reforma agrária, desenvolvimento econômico, educação... Essa era uma atitude nova do catolicismo brasileiro, procurando balizar a pastoral com referência na realidade histórica<sup>XII</sup>.

Por outro lado, setores mais conservadores do Brasil como militares, proprietários rurais, empresários nacionais, parlamentares de oposição a Janio Quadros e João Goulart, segmentos da classe média e setores nada progressistas da Igreja começaram a se organizar e se posicionar dentro da sociedade, formando assim um período de polarização da política brasileira.

## MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966): ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS LUTAS

SARA OLIVEIRA FARIAS

Nesse cenário nacional e internacional de profundas modificações, pode-se situar a criação do Movimento de Educação de Base (MEB) que por meio de vários projetos que já haviam sido articulados e organizados desde a década de 1950 a exemplo do já citado movimento de Natal, liderado por Dom Eugênio Sales. As experiências das escolas radiofônicas, em 1961 ganhariam um caráter oficial e o MEB atingia com seu trabalho áreas distantes do país. O binômio fé e transformação social começava a ser delineado com força, em parte pelas mudanças exigidas pela sociedade, mas também por conta da transformação que a Igreja passava como as encíclicas de João XXII, os documentos conciliares, enfim uma série de modificações que a Igreja tinha que enfrentar, o cenário assinalava outros tempos para a sociedade cada vez mais desigual, sobretudo nos países da América Latina. “Um sentimento de justiça social foi definindo o papel do MEB e sua posição na luta a favor das classes menos favorecidas.”<sup>XIII</sup> A transformação social era a palavra de ordem daquele período e o cristianismo assumia um caráter histórico e comprometido com a luta dos destituídos socialmente.

### **MEB: fontes e estrutura**

Os documentos produzidos pelo MEB como boletins, cartilhas, livros e depoimentos orais foram fundamentais para tentar compreender a estrutura organizacional do MEB e, de certa forma, como na prática este funcionava. No arquivo do Centro de Documentação e Informação Científica - CEDIC-PUC-SP é possível identificar cerca de 87 caixas de documentos sobre o MEB do período de 1961-1986. Pode-se dizer que esta documentação está parcialmente identificada, mas entretanto os títulos das pastas são títulos gerais e não identificam de que lugar, departamento é originário. Na primeira fase do levantamento dessas fontes no CEDIC, foi possível identificar no Fundo documental MEB correspondências enviadas e recebidas de monitores e alunos, entre outros destinatários e remetentes, textos de aulas, poesias de monitores, relatórios de encontros e o livro de fundamentação teórica, composto de textos complementares para fundamentação filosófica dos principais livros de leitura do MEB: “Saber para Viver e “Viver é Lutar,”<sup>XIV</sup> este último foi disponibilizado no formato digital para consulta pública. Os livros eram destinados aos professores locutores e produtores de programas educativos.

Esse conjunto documental somado aos documentos disponíveis em alguns sites e a bibliografia sobre o MEB, possibilitou nessa primeira etapa da pesquisa delinear a estrutura do movimento como também tentar compreender seus princípios filosóficos, a prática histórica e sua ação nas comunidades inseridas pelo Brasil. No que se refere a Bahia, estamos localizando lideranças do MEB, membros da Igreja Católica em Salvador e Amargosa para realização de entrevistas com o objetivo de percorrer a memória daqueles homens e mulheres que vivenciaram a experiência do MEB, durante a década de 1960.

A estrutura do MEB nos primeiros cinco anos era composta da seguinte forma<sup>XV</sup>:

- No âmbito nacional, era coordenado por um Conselho Diretor Nacional, composto de bispos e um representante do Ministério de Educação e Cultura.

## MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966): ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS LUTAS

SARA OLIVEIRA FARIAS

- Cada Estado contava com uma Coordenação Estadual.
- O sistema radioeducativo atingia uma área determinada que na maioria das vezes correspondia à área geográfica da diocese a que se vinculava.
- A base era estruturada através de uma rede de escolas radiofônicas ou por uma teia de grupos, em geral havia nos sistemas uma composição entre os dois.

De acordo com a documentação consultada, o MEB se definia como um Movimento Educativo que devia sua iniciativa a Igreja, inserido “em uma estrutura de que o Governo da República participa”, vivia os problemas de uma nação em estado de mudança social e se comprometia a colaborar na “promoção do homem brasileiro”.<sup>XVI</sup> As lideranças do movimento que eram leigos afirmavam sua vinculação direta com a Igreja, pois foi esta, segundo o documento a responsável por sua criação. Sobre a relação MEB-Igreja, afirmou-se:

É uma instituição criada pela Igreja no Brasil. É um Movimento educativo que o Episcopado brasileiro fez surgir, em determinado momento de nossa história, porque encontrou o povo não só desprovido de meios necessários à sua Salvação na vida da graça, mas até mesmo daqueles meios que lhe servem para sua integração na vida social e, conseqüentemente, para sua realização humana. Salvar homens, no Brasil, implica em que se lhes deem condições de serem homens.<sup>XVII</sup>

A vinculação do movimento de Educação de Base com a Igreja é central e fundamental para a compreensão das origens do movimento, apesar de se distinguir de uma ação meramente apostólica, o MEB possuía uma ação sócio educativa, embora ele estivesse vinculado à hierarquia católica que segundo alguns estudiosos como Osmar Fávero, a Igreja caminhava em outras direções, mais engajada nas questões sociais enfrentadas pela maioria da população, sobretudo no meio rural como o desequilíbrio criado em face da industrialização entre outros itens que integravam a pauta de reivindicações sociais desde a década de 1950<sup>XVIII</sup>.

O cenário político e social do Brasil assinala desde a segunda metade dos anos de 1950 um quadro de movimentos que lutavam por direitos, entre eles o direito a posse da terra. Nesse sentido, as ligas camponesas ocorridas sobretudo em Pernambuco indicaram de certa forma o início dessa luta, aliado a esse aspecto, não se pode esquecer a situação precária dos trabalhadores rurais do Brasil, como os da região Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Assim, o quadro político e social nesses estados se agravava, ocorrendo denúncias das condições precárias do trabalho nas zonas rurais, destacando a completa ausência dos direitos trabalhistas influenciando de maneira significativa no cotidiano das famílias dos trabalhadores, além dos altos índices de analfabetismo da população.

Essas experiências juntamente com outras do mesmo período como a “Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos e Campanha Nacional de Educação Rural; radiofusão educativa realizadas pela Igreja Católica na América Latina; sistema rádio educativo nacional, organizado em 1957, pelo Ministério da Educação e Cultura,” entre outras experiências favoreceram a criação do MEB no Brasil.

Em 1961, o MEB retoma o conceito tradicional da educação de base, “justificado pela Igreja católica como exigência de sua ação evangelizadora junto às



## MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966): ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS LUTAS

SARA OLIVEIRA FARIAS

massas e como dever dos cristãos.”<sup>xix</sup> A educação propagada pelas lideranças do movimento seria um processo integrado a cultura, constituindo uma dimensão social do homem, portanto é uma atividade cultural. De acordo com as cartilhas produzidas pelo movimento, o MEB seria o meio para promover a educação ou processo educativo, sendo possível sua realização através da educação de base. Na medida em que esta se preocupava com a pessoa humana, dava-lhe portanto consciência ao homem. Conscientizar o que é o mundo, os homens e as relações construídas entre estes. “Em última análise, todo processo de conscientização traz em si uma concepção do homem, uma visão do mundo; logo, se insere numa consciência histórica”<sup>xx</sup>.

Inspirado nos ensinamentos de Freire, as lideranças do movimento preparavam e ensinaram o método nas comunidades espalhadas pelos departamentos do MEB pelo Brasil. O sujeito deveria se (re) conhecer dono de sua história, para isso deveria lutar pelas condições necessárias tentando romper os obstáculos produzidos de sua realidade. Nesse sentido, o método de alfabetização utilizado por Freire foi fundamental nos trabalhos do MEB, pois alfabetizar significava:

[...] Dizer a sua palavra, criadora de cultura... Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificar as consciências, despersonalizando-as na repetição... aprender a dizer a sua palavra é toda a pedagogia, e também toda a antropologia... com o método Paulo Freire, os alfabetizados partem de algumas poucas palavras que lhes servem para gerar seu universo<sup>xxi</sup>.

Os livros “Saber para Viver” e Viver é lutar foram fundamentais para a elaboração das aulas que eram preparadas pela equipe do MEB e aplicadas na comunidade, considerando como fundamental a existência humana. No segundo livro de leitura de adultos, “Viver é Lutar” por exemplo, as lições centralizavam palavras fundamentais que serviam de base para a compreensão do mundo, então palavras como luta, viver, trabalhar eram constantes nos livros. Essas palavras emitem signos, selecionadas para que o processo de alfabetização se constituísse em caminho de luta. Pode-se pensar que o MEB não se preocupava com a simples transmissão de aulas para a comunidade. “O MEB é uma globalidade de pessoas e objetivos numa obra educativa integrada.”<sup>xxii</sup> Assim, as lições elaboradas pela equipe visava um trabalho educativo e a meu ver também político. Em uma das lições do livro “Viver é lutar,” destacava a autonomia do sujeito, a luta pela vida e, logicamente pelos direitos. Nesse sentido, vida e luta passam a ser sinônimos como destaca-se uma das lições utilizadas e aplicadas pela equipe do MEB.

### **Viver é lutar**

Eu vivo e luto  
 Pedro vive e luta  
 O povo vive e luta  
 Eu, Pedro e o povo vivemos.  
 Eu, Pedro e o povo lutamos.  
 Lutamos para viver.  
 Viver é lutar<sup>xxiii</sup>.

SARA OLIVEIRA FARIAS

Nessa perspectiva, o MEB centralizou seu discurso na ideia de que o trabalhador e a trabalhadora no campo obtivessem os conhecimentos mínimos para se levar uma vida humana, uma vida com condições dignas. Considerando como básica “a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa. Daí decorre como condição primeira o direito de viver humanamente,” e acrescentaria viver com direitos<sup>XXIV</sup> Assim, o básico pode ser compreendido não apenas como o primeiro, inicial ou a alfabetização para a instrução, mas como ação radical para o ser humano, no sentido de que tome a direção de sua vida enquanto sujeito, consciente sobretudo de seus direitos.

Pode-se pensar então que o MEB estava intimamente ligado a educação popular que tinha como proposição e diretriz que o “povo devia ser o agente de sua própria história.”<sup>XXV</sup> Assim, o MEB se declarava da seguinte maneira:

Já em meados de 1962, o MEB declarou-se a favor da transformação social radical. A educação deveria ser um meio de realizar essa transformação ao invés de ser um fim em si. O MEB enfatizava a conscientização, uma abordagem que encorajasse o povo a enxergar os seus problemas, como parte de um sistema mais amplo<sup>XXVI</sup>.

Em 1964, entretanto o cenário no Brasil modificou. As lideranças do movimento sofreram um duro golpe, pois os militares juntamente com a direita católica restringiram o papel do MEB, reduzindo seu papel político. Restringiram a atuação mais política do MEB, centralizando seus trabalhos para a alfabetização dos moradores das zonas rurais da região, retirando em parte, sua linha histórica que consistia na Educação Popular (autonomia do Educando que contribuía para que este se tornasse sujeito). Não é sem propósito que em 1967 foi instituído o Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL como uma das formas de esvaziar a ação política do MEB, segundo alguns depoimentos colhidos, em Amargosa, (município baiano, onde iniciamos o projeto piloto para compreender a atuação do movimento na Bahia), equipes do MEB na década de 70 chegaram a utilizar material do MOBRAL para as atividades na diocese.

Entretanto, por conta talvez do prestígio que obteve pelo trabalho desenvolvido e “graças à proteção da Igreja, o MEB foi a única experiência de educação popular a sobreviver ao golpe. Entretanto, a sobrevivência tinha um preço: o MEB foi obrigado a moderar suas atividades.”<sup>XXVII</sup> Entre as medidas repressivas do Estado, estavam a redução do orçamento para o movimento, além de um certo controle e ambivalência da hierarquia católica, deixando em certos aspectos de ter sido “um dos impulsos chaves na transformação da Igreja. Mas o MEB pôde continuar as experiências progressistas na educação popular numa época em que isso era extremamente difícil”<sup>XXVIII</sup>.

### **O MEB: educação e política**

Nesse cenário brasileiro, pode-se situar uma das regiões onde o MEB atuou. Na Bahia, particularmente no município de Amargosa (200 km distante da capital) vivia da produção econômica voltada para a agricultura e pecuária, é significativo considerar suas condições de vida e de trabalho. A vida no campo, permeada de muitas dificuldades e de trabalhos muitas vezes inadequados e exploratórios poderá explicar em parte a formação e atuação de sindicatos, tendo como apoio em muitas localidades, o trabalho de assessoria de membros da Igreja Católica junto a essas entidades. Conscientizar pode ter sido considerado a palavra de ordem de muitos componentes do



## MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966): ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS LUTAS

SARA OLIVEIRA FARIAS

MEB em Amargosa para o trabalho, luta e articulação dos sindicatos rurais. Assim, em um primeira abordagem, pode-se pensar em três aspectos do trabalho do MEB no município: resgate da cidadania, ação sindical e comunicação popular.

Essa filosofia estava presente nos departamentos espalhados pelas regiões do Brasil e em Amargosa, não foi diferente como afirmou o Bispo da Diocese, Dom João Nilton:

O MEB contribui em muito, não somente para a alfabetização que não seguia o padrão oficial, usava outra metodologia, usando palavras geradoras do método Paulo Freire. As palavras eram palavras da vida do povo. O MEB cobria toda área da Diocese. As aulas eram transmitidas por uma emissora e o rádio só pegava uma estação, exatamente para favorecer que o povo naquele momento não tivesse outra opção<sup>XXIX</sup>.

Nessa perspectiva, pode-se pensar como foi significativo o trabalho do MEB pelo Brasil. Primeiro, porque ao alfabetizar a população rural, proporcionava conhecer e compreender o mundo que vivia, encorajando-a a seguir adiante, seguir questionando, problematizando a sua condição de população pobre, desassistida e, sobretudo rompendo a naturalização da pobreza que passava a partir desse método de ensino historicizar o conjunto de causas que levavam àquela situação. As lições reproduzidas através das escolas radiofônicas tinham do meu ponto de vista, além de um aspecto social, um aspecto político. Não sem propósito, o MEB intensificou o trabalho com a comunidade do campo, direcionando sua filosofia para os mais pobres, trabalhando consciência e autonomia do sujeito.

Considerando esses aspectos que devem ser mais bem compreendidos no decorrer da pesquisa é significativo pensar que um movimento de Educação de Base nas zonas rurais do país possibilitou articulações de outros movimentos, como por exemplo a organização dos sindicatos, associações comunitárias, entre outros em uma época que as reivindicações eram proibidas, limitadas e controladas. Ao mesmo tempo, é possível pensar o MEB, juntamente com outros movimentos criados dentro da Igreja como por exemplo, a Juventude Agrária Católica (JAC) com influência significativa em alguns municípios pertencentes a Diocese de Amargosa, como um movimento que ajudou a ‘organizar o povo,’ conscientizando de seus direitos como cidadão, como pessoa humana, além de contribuir para o surgimento de outros movimentos de base que desenvolveriam seus trabalhos em meados da década de 1970, como foi o caso das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Além disso, os livros de leitura e fundamentação que serviram de base para preparar as equipes do MEB constituem em verdadeiras fontes de pesquisa, assim como os relatos orais de memória dos monitores, alunos, dirigentes, padres, entre outros que podem revelar múltiplos aspectos da história do movimento na Bahia, nas demais regiões do Brasil bem como os discursos construídos em torno da conscientização dos sujeitos sobre sua história podem revelar as muitas e variadas lutas da população do campo durante um período efervescente da história do Brasil.

### Notas

<sup>1</sup> Doutora em História (UFPE). Professora Adjunto da Graduação e Pós-Graduação em História (UNEB). Publicou o livro **Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina (2008)**, Editora da UFPE e a coletânea **História Regional e Local II (2012)**, **História Regional e Local III (2015)** pela EDUNEB. A

**MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966): ALGUMAS HISTÓRIAS, MUITAS LUTAS**

SARA OLIVEIRA FARIAS

pesquisa que resultou no presente artigo faz parte do projeto MEB, AÇÃO E LUTA: O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (1961-1966) financiado pelo CNPQ através do edital Universal 14/2014.

<sup>II</sup> MEB: relatório anual do Movimento de Educação de Base (1979).

<sup>III</sup> FÁVERO, Osmar. MEB- Movimento de Educação de Base. Primeiros tempos: 1961- 1966.” In **V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação**, Évora, Portugal, 2004.

<sup>IV</sup> CEDIC/PUC-SP: Fundo: MEB, s/d.

<sup>V</sup> Entrevista realizada com Clóvis Silva. 16 dezembro 2012.

<sup>VI</sup> Dom Eugenio explica a origem do Movimento de Natal”. Disponível em [www.domegeniosales.com.br](http://www.domegeniosales.com.br) acesso em 19/04/2012.

<sup>VII</sup> “Dom Eugenio explica a origem do Movimento de Natal”. Disponível em [www.domegeniosales.com.br](http://www.domegeniosales.com.br) acesso em 19/04/2012.

<sup>VIII</sup> Encíclicas elaboradas pela Igreja Católica que modificaram o pensamento da Instituição nos anos de 1960 e que estavam voltadas para as necessidades dos mais pobres e dos destituídos socialmente.

<sup>IX</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)** São Paulo: Brasiliense, 2004, p.62.

<sup>X</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)** São Paulo: Brasiliense, 2004, p.63.

<sup>XI</sup> MAINWARING, op. cit. p.64

<sup>XII</sup> DELGADO & PASSOS, In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs).”Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos(1960-1970) **O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX** .Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2003, p.10 (v.4)

<sup>XIII</sup> DELGADO & PASSOS, 2003, p.121

<sup>XIV</sup> No levantamento de fontes realizado, apenas encontrei o segundo livro: Viver é lutar que está em formato digital e disponível para consulta no portal do fórum EJA.

<sup>XV</sup> FÁVERO, Osmar. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966). Campinas-SP: Autores Associados, 2006, p.5 (Coleção Educação Contemporânea)

<sup>XVI</sup> MEB EM 5 ANOS. 2ª.ed. 1982, p.9.

<sup>XVII</sup> MEB EM 5 ANOS. 2ª.ed. 1982, p.11.

<sup>XVIII</sup> FÁVERO, op. cit. 2006, p.40.

<sup>XIX</sup> FÁVERO, op. cit... p.54.

<sup>XX</sup> MEB EM 5 ANOS. 2ª.ed. 1982, p.16.

<sup>XXI</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ªed.Rio de Janeiro:Paz e Terra,1983,p. 9 e 14

<sup>XXII</sup> MEB EM 5 ANOS. 2ª.ed. 1982, p.25.

<sup>XXIII</sup> MEB. Livro de leitura **Viver é lutar**. 1ª. Lição, p2. Disponível para consulta [www. forumeja.org.br](http://www.forumeja.org.br)

<sup>XXIV</sup> MEB em 5 anos,2ª.ed.1982, p.22

<sup>XXV</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.88

<sup>XXVI</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.88.

<sup>XXVII</sup> MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.89.

<sup>XXVIII</sup> MAINWARING, Scott, op. cit. p.89.

<sup>XXIX</sup> MELO, Luiz Argolo. **Fé, Poder e Vida nas Comunidades Eclesiais de Base de Mutuípe Bahia. (1975 -2000)**. UNEB. 2012, p.117 (Dissertação de Mestrado).

## Fontes

### a) oral:

- Clóvis Silva

### b) escritas:

- MEB EM 5 ANOS. 2ª.ed. 1982.

- MEB: relatório anual do Movimento de Educação de Base (1979).

---

- Livro de Leitura Viver é lutar (1963)

**Site consultado**

[www.domeugeniosales.com.br](http://www.domeugeniosales.com.br)

**Referências Bibliográficas**

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves & PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970) In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O Brasil Republicano.(V.4) O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX** . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FÁVERO, Osmar. MEB- Movimento de Educação de Base. Primeiros tempos: 1961-1966.” In: **V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação**. Évora, Portugal, 2004.

\_\_\_\_\_ **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966)**. Campinas-SP: Autores Associados, 2006, p.5 (Coleção Educação Contemporânea).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1983.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.